DESAFIOS DA ATENÇÃO BÁSICA E FAMILIARES NO ACOMPANHAMENTO DO ADICTO

Jocilene Flauzino do Carmo¹
Ivete Santos Barreto²
Viviany Pires Guimarães³
Telma de Goiás Brasil⁴
Maria Aparecida da Silva Araujo⁵
Zelcimar Lemos Salvador⁶

RESUMO

Este estudo objetiva conhecer, por meio da literatura os desafios da família e da equipe de saúde na atenção básica frente ao acompanhamento do adicto. As drogas são substâncias naturais ou sintéticas que possuem capacidade de alterar o funcionamento do organismo. Vale ressaltar a importância de ações multiprofissionais na promoção, prevenção e recuperação dos drogadictos. Estudo de revisão de literatura com buscas nos bancos de dados virtuais. Os dados foram categorizados em Família no acompanhamento do adicto e suas limitações e Contribuição da equipe de saúde na Atenção Básica ao adicto. O contexto familiar pode ser considerado como fator de risco e/ou de proteção em relação ao abuso de drogas. Se a família acolhe com limites definidos, comunicação adequada, promotora de afeto e proteção se apresenta como fator de proteção ao uso de drogas; ao contrário, uma família com distanciamento afetivo com dificuldade na comunicação e fronteiras pouco definidas pode favorecer tanto o uso de substâncias como a permanência ativa da dependência. Neste cenário, a Atenção Básica como porta preferencial dos usuários, a equipe de saúde proporciona criação de vínculos com as famílias e comunidade. No entanto, vale ressaltar desafios da equipe na Atenção Básica, ainda centrada nos programas que, requer inovações, no cuidado, por meio da promoção da saúde e de educação permanente, conforme assinalam as diretrizes da Política Nacional da Atenção Básica.

Palavras-chave: Adicto, Família, Atenção Básica, Enfermeiro.

INTRODUÇÃO

¹ Discente em Enfermagem pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Campus Goiânia.

² Enfermeira; Mestre em Saúde Mental; Presidente do Conselho Regional de Enfermagem Goiás; docente da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Campus Goiânia.

³ Biomédica, Mestre; docente da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Campus Goiânia.

⁴ Enfermeira; Mestre; docente da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Campus Goiânia.

⁵ Enfermeira; Mestre em Ciências da Saúde; docente na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Campus Goiânia.

⁶ Graduação em Farmácia pela Universidade Federal de Goiás e mestrado em Biologia Geral pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Campus Goiânia, e Auditor Fiscal de Saúde Pública - Secretaria Municipal de Saúde Goiânia.

O crescimento do uso e abuso de drogas no Brasil é um dos fenômenos sociais da contemporaneidade mais preocupantes. Dados mostram aumento de drogas na população em geral, sendo observados cada vez mais cedo entre os jovens, com isso é previsto sérias consequências de dependência química que poderá desencadear conflitos familiares e desafios aos profissionais de saúde no apoio a ambos (PEREIRA, 2014).

Souza *et. al.* (2012) refere dificuldades relacionadas às intervenções clínicas na área das drogas e de conviver com a diversidade de abordagens, assim como avaliar a sua efetividade para adaptação melhor ao adicto. Ainda, as políticas públicas relacionadas à saúde na área de drogas é um grande investimento nos tratamentos, no entanto pouca atenção na prevenção e cuidados pós-tratamento.

Levando em consideração a influência da família no âmbito da prevenção e cuidados ao adicto, segundo Nogueira, (2009) é necessária compreensão e apoio por parte dos profissionais de saúde no apoio familiar, pois a mesma muitas vezes se sente limitada quando um familiar se envolve com substâncias psicoativas e torna-se dependente químico.

Assim, junto a família torna-se importante ações multiprofissionais e interdisciplinares na promoção, prevenção e recuperação dos drogadictos. Neste cenário, a Atenção Básica (AB) tem muito a contribuir na recuperação do adicto, assim como apoio a família do mesmo, enquanto porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS).

A equipe multiprofissional de saúde na Atenção Básica, articula na prestação de serviços do SUS no cuidado ao indivíduo, família e comunidade, de acordo com exercício profissional de cada profissional, sendo portanto desafiador quando lida diretamente com o adicto e familiares. Verifica-se limitações, dificuldades e pouca resolutividade nos serviços de atenção básica no que se refere à reabilitação do dependente químico. Contudo, as intervenções de forma positiva são necessárias urgentes frente a essa problemática contribuindo para qualidade de vida a este público em específico.

Diante desta realidade, a relevância deste estudo está relacionada à carência de publicações no assunto e da possibilidade de subsidiar as equipes de saúde que atuam na Atenção Básica para assistência de qualidade aos adictos e familiares na

reabilitação social deste indivíduo. Evidencia ainda a importância dos profissionais de saúde em todos os níveis de atenção aos adictos a elaboração de diagnósticos individuais, condução de programas de prevenção, reabilitação e integração de equipes multidisciplinares no enfrentamento de tais problemas. Estabelece como objetivo neste estudo de conhecer, por meio da literatura os desafios da família e da equipe de saúde na atenção básica frente ao acompanhamento do adicto.

1 MÉTODOS

O presente estudo foi de revisão de literatura com buscas nos bancos de dados virtuais Scielo, revistas eletrônicas de enfermagem, legislações e cadernos do Ministério da Saúde, assim como livros disponíveis na biblioteca da Universidade Salgado de Oliveira. Para levantamento dos artigos utilizou-se como palavras chave: Adicto. Família, Atenção Básica equipe de saúde. A seleção buscou artigos publicados nos anos (2005 a 2016), na língua portuguesa, em artigos e revistas disponibilizadas gratuitamente. Os dados foram analisados de forma descritiva apontando os desafios da família e do enfermeiro na atenção básica frente ao acompanhamento do adicto. Após estudo e análise dos dados foram categorizados e discutidos.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após buscas na literatura de artigos que abordam a temática, estudos e análise dos dados identificaram-se nesta pesquisa duas categorias sendo elas: Família no acompanhamento do adicto e suas limitações e Contribuição da equipe de saúde na Atenção Básica ao adicto.

2.1 Família no acompanhamento do adicto e suas limitações

A família desempenha importante papel na vida do ser humano e serve de exemplo aos filhos e seus membros, pois o comportamento, as reações, atitudes e a forma como os pais se relacionam entre si e com os filhos influenciam no desenvolvimento dos mesmos que, contribui tanto para o desenvolvimento quanto para a prevenção do uso de drogas (NOGUEIRA, 2009).

Paz e Colossi (2016), considera o contexto familiar como fator de risco e/ou de proteção em relação ao abuso de drogas. Se a família acolhe com limites definidos, comunicação adequada, promotora de afeto e proteção, apresenta como fator de proteção ao uso de drogas; ao contrário, uma família com distanciamento afetivo com dificuldade na comunicação e fronteiras pouco definidas favorece tanto o uso de substâncias como a permanência ativa da dependência.

As consequências do uso indevido de substâncias psicoativas podem afetar todos os integrantes do sistema familiar e vice-versa e variam de acordo com as características das mesmas no ambiente interno e externo, com o momento e o ciclo de vida em que se encontram. Dessa forma, muitas vezes, este impacto é maior nos membros que não usam drogas (ROCHA, 2005).

Dentro desse cenário, essa situação se torna preocupante, pois verifica que a cada dia torna-se crescente o consumo de drogas e o aumento de adictos na sociedade que traz impactos familiares. Percebe-se assim que a família e drogas estão interligadas, onde, a família como principal pilar na busca da recuperação do dependente tem muito a contribuir no processo de tratamento do adicto, por meio de uma relação de confiança.

Desse modo, para que a família perceba a existência de usuário de drogas em seu ambiente, é importante identificar alterações de humor, apetite, aparência e mudanças repentinas de amizade. Bard *et. al.* (2016) acrescenta das alterações provocadas pelo uso de drogas que ocasiona isolamento social e conflitos com sua rede de apoio. Tal situação valoriza aspectos negativos da dependência de drogas que ajudam a construir o preconceito e o estigma em relação a esses usuários.

Nogueira (2009) ressalta que no geral é presente nas famílias de adictos, presença de desespero e de vergonha buscando sempre encontrar culpados. No entanto, esse comportamento não contribui no equilíbrio da família e na solução do problema. Grande parte dos casos de dependência química, os responsáveis dos drogadictos não percebem os primeiros sinais de envolvimento do jovem com as drogas, ou quando percebe preferem não se envolver, e quando decidem fazê-lo o nível de dependência encontra-se avançado.

Nessa perspectiva, Alvarez *et. al.* (2010), ressalta a importância da participação da família em atividades grupais na compreensão o que é a dependência química, por meio de trocas de experiências aprendendo a lidar com as situações cotidianas. Essa prática muitas vezes possibilita alívio aos familiares percebendo que

seus problemas também são enfrentados por outras famílias.

Pereira (2014) acrescenta da importância de incentivo aos familiares na participação de grupos de apoio na transformação do adicto tornando-o “corresponsável” pela promoção da sua autonomia e cidadania. O desafio, portanto, é implementar programas de assistência e promoção social que visem a inclusão e reintegração familiar. Conforme as diretrizes básicas do SUS, a integralidade e a universalidade de direito à assistência devem ser garantidas aos adictos e a estruturação dos serviços deve se configurar em redes assistenciais, priorizando atenção psicossocial articulada à atenção básica.

Verifica que no contexto entre família e adictos o desafio é presente, tanto da sociedade como aos profissionais de saúde em manter união da família sem deixar que as drogas adentrem nas vidas de seus integrantes. O acompanhamento ao adicto envolve dependência química, reabilitação, recuperação, não sendo uma tarefa fácil. Exige dedicação dos familiares, grupos de apoio e profissionais multidisciplinares, pois o tratamento é longo e difícil que requer dos envolvidos renúncias e paciência em todo o processo.

2.2 Contribuição da equipe de saúde na atenção básica ao adicto

O Ministério da Saúde propõe à atenção básica ações em equipe multiprofissional, por meio de criação de vínculos entre profissional, família e comunidade, elo importante no acompanhamento básico aos usuários. Rosenstock e Neves (2010), acrescenta que o acompanhamento do adicto não se resume em buscar apenas a ausência das drogas, mas também a construção de um novo estilo de vida, tanto para o dependente quanto para a família.

Verifica que a dependência química quando bem conduzida poderá contribuir decisivamente para diminuir internações. No entanto, muitas vezes o papel da Atenção Básica se restringe a ações de encaminhamentos aos serviços especializados, sendo necessária estratégias de apoio aos familiares e adictos, pois as mesmas não se encontram preparadas ao deparar com os transtornos causados pela droga. O apoio da família ao adicto contribui na reabilitação do mesmo com a participação de grupos de ajuda integrando serviços que a rede SUS proporciona.

As ações interdisciplinares e integral são desenvolvidas nos Centros de Atenção Psicossociais Álcool e Drogas (CAPS AD), no intuito de cuidado aos usuários

de adictos, como acolhimento ao adicto e familiar. Ainda, acolhe aqueles que demandem ajuda mesmo que não demonstrem desejo de interromper o consumo, trata abstinências leves em nível ambulatorial, realiza busca ativa em articulação com atenção básica em casos de abandono de tratamento; desenvolve oficinas terapêuticas; e apoiar um trabalho dentro da perspectiva de Redução de Danos (RD), suporte e apoio a familiares (BRASIL, 2010).

Quando se trabalha com perspectiva de inclusão das ações e integração dos serviços de saúde mental na Atenção Básica torna-se possível proporcionar atenção integral e compartilhar a responsabilidade pela melhora da qualidade de saúde proporcionando acesso aos que necessitam de acordo com os princípios do SUS.

A Atenção Básica, como porta de entrada do SUS, objetiva reverter o modelo assistencial centrado em ações tecnicista. A universalização da atenção à saúde, garantida pelo SUS proporciona acesso a ações e serviços saúde permitindo a inclusão social. Neste cenário, os profissionais de saúde mantêm contato com os usuários reconhecendo problemas relacionados ao uso de drogas que, possibilita minimizar encaminhamentos de pacientes menos graves para a atenção especializada.

Rosas (2010) chama atenção que a dependência química apesar de atingir uma pequena parcela daqueles que usam, também, atinge toda a sociedade de forma assustadora. Por todas as razões apresentadas, é indispensável atenção especial quanto à possibilidade de proporcionar meios de recuperação eficazes aos adictos. Portanto, faz-se necessário acompanhar, auxiliar na recuperação dos mesmos e ter a oportunidade de realizar ações de promoção e prevenção.

A dependência química, problema de saúde pública, Rosenstock e Neves (2010) destaca a importância da equipe de saúde, dentre eles o profissional enfermeiro para atuar neste cenário, a fim de contribuir com os indivíduos integrantes deste contexto, enquanto estratégia baseada na recuperação e estabilização do dependente químico, sendo esta de suma relevância.

No entanto, estudo realizado por Xavier e Monteiro (2013), mostra em relação à Rede de Atenção, precariedades e falhas no trabalho em parceria com a Atenção Básica e a Rede de Assistência Social em alguns municípios brasileiros. Acrescenta ainda ausência de conhecimento técnico por parte dos profissionais envolvidos, dificuldade de continuidade do tratamento dos pacientes, principalmente, os que possuem comorbidades.

De acordo com Branco *et. al.* (2013), para melhor compreensão da magnitude com que se apresentam as repercussões das drogas na vida do usuário e familiares é necessária investimentos em capacitação de profissionais de saúde, habilitados para atenção de indivíduos, família e coletividade de forma holística e humanística na perspectiva na promoção, prevenção e reabilitação. O autor destaca ainda que a assistência deve associar à rede de serviços de saúde e sociais com ênfase na reabilitação e reinserção social do adicto.

Contudo, Gonçalves e Tavares (2007), referem que as ações profissionais devem ser desenvolvidas junto ao adicto com ações educativas, e criação de alianças junto à comunidade e interligados a rede de atenção de forma a assegurar a integralidade da assistência. Acrescentam ainda da importância de atuarem de forma criativa e engajada frente aos problemas do álcool e outras drogas com abordagem transversal e interdisciplinar dos problemas vivenciados e acordo com cada realidade.

Entretanto, Barbiani, Nora e Schaefer (2016) afirma desafios dos profissionais na Atenção Básica, ainda centrada nos programas que, requer inovações, por meio da promoção da saúde e presença de educação permanente, conforme as diretrizes da Política Nacional da Atenção Básica.

Rosenstock e Neves (2010) acrescenta carência na formação dos profissionais da AB em relação à temática da dependência química, restringindo as ações desses ao encaminhamento de adictos a serviços especializados em saúde mental.

Mudar esse cenário denota desafios em curso para todos os trabalhadores da saúde na Atenção Básica. Souza (2012) destaca que as políticas públicas direcionadas aos dependentes químicos dedica pouca atenção à manutenção do comportamento de mudança, contudo, cometem erros ao se dedicar intensivamente na questão da interrupção do consumo. É necessária atenção na manutenção de redes de políticas sociais para garantia que o adicto possa parar de fazer o consumo de uma determinada droga, ou ser reinserido em programa social que o inclua como cidadão, trabalhador e protagonista de sua própria vida.

Segundo pesquisa de Cardoso *et. al.* (2014) evidenciou-se que o uso de droga é uma estratégia de esquiva do sofrimento psíquico, desencadeado por relações familiares conflituosas e como busca de alívio para o sofrimento e as dificuldades. Entretanto, tal fuga potencializa o estigma dos usuários pelos próprios familiares, pela comunidade, além do autoestigma.

Nesse sentido, é papel das equipes de saúde estar preparadas, mediante o estabelecimento do vínculo e de escuta qualificada, despida de preconceito, para a abordagem à família e ao usuário adicto. Portanto, oferecer assistência a este paciente requer políticas intersetoriais, integradas possibilitando a implantação da cidadania nos serviços, por meio de integração de atores, de serviços e de redes sociais.

CONCLUSÃO

O uso de substâncias psicoativas apresenta-se como um processo complexo, em razão dos diferentes domínios da vida dos indivíduos que podem estar envolvidos, sendo considerado assim, um problema multifatorial. É evidente que o problema do uso e abuso de substância psicoativa não afeta somente o adicto, a dependência química provoca influência em todo o meio envolta deste indivíduo.

O comportamento da família pode influenciar na prevenção ou até mesmo no início da dependência, ambos precisam reconhecer que necessitam de tratamento e estabelecer primeiramente um diálogo harmonioso na busca de solução para este grave problema da drogadição.

As ações realizadas pela equipe de saúde na Atenção Básica são relevantes para a recuperação e proteção da saúde de pessoas acometidas por essa realidade, pois propicia aproximação dos usuários e da família no acompanhamento a formação de vínculo por meio de visitas domiciliares, grupos e pela prática do acolhimento.

No entanto, vale ressaltar desafios presentes dos profissionais envolvidos, pois ainda encontra-se centrada nos programas que, requer inovações, no cuidado, por meio da promoção da saúde e de educação permanente, conforme assinalam as diretrizes da Política Nacional da Atenção Básica.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, S. Q.; GOMES, G. C.; OLIVEIRA, A. M. N.; XAVIER, D. M. Grupo de apoio/suporte como estratégia de cuidado: importância para familiares de usuários de drogas. **Revista Gaúcha Enfermagem**. Porto Alegre (RS), v. 33, n. 2, p. 104-106, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n2/15.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016.

BARBIANI, R.; DALLA NORA, C.R.; SCHAEFER, R. Práticas do enfermeiro no contexto da atenção básica: scoping review. **Revista Latino-Americana de**

Enfermagem, v. 24, p. 2721, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v24/pt_0104-1169-rlae-24-02721.pdf;24:e2721>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BARD, N.D.B.; ANTUNES, B; ROOS, C.M.; OLSCHOWSKY, A.; PINHO, L.B. Estigma e preconceito: vivência dos usuários de crack. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**; v. 24, p. 2680, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v24/pt_0104-1169-rlae-0852-2680.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas. **Abordagens Terapêuticas a Usuários de Cocaína/Crack no Sistema Único de Saúde**. Texto preliminar destinado à consulta pública. Brasília, 2010. de Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/abordagemus.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

BRANCO, F. M. F. C. et al. Atuação da equipe de enfermagem na atenção ao usuário de crack, álcool e outras drogas. **Journal of the Health Sciences Institute**, v. 31, n. 2, p. 161-5, 2013. Disponível em: <https://www.unip.br/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2013/02_abr-jun/V3_1_n2_2013_p161a165.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CARDOSO, M.P. et al. A percepção dos usuários sobre a abordagem de álcool e outras drogas na atenção primária à saúde. **Aletheia**. n. 45, pp. 72-86, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2017.

GONÇALVES, S. S. P. M.; TAVARES, C. M. M. Atuação do Enfermeiro na Atenção ao Usuário de Álcool e Outras Drogas nos Serviços Extra- Hospitalares. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 11, n. 4, p. 586-592, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n4/v11n4a05>>. Acesso em: 19 set. 2016.

PAZ, F. M.; COLOSSI, P. M. Aspectos da dinâmica da família com dependência química. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 4, p. 551-558, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v18n4/a02v18n4.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016.

PEREIRA, A. P. B. **Estratégias Para Abordagem da Dependência Química em Área de Abrangência da Estratégia de Saúde da Família**. 2014. 33p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Atenção Básica). Universidade Federal de Minas Gerais-MG. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/4294.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2016.

NOGUEIRA, J. G. **A Importância da Família na Problemática da Drogadição com Adolescentes sob o Olhar da Análise do Comportamento**. 2009. 44 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Faculdades Integradas Fafibe. Bebedouro. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistapsicologia/sumario/14/06122010140050.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2016.

ROCHA, V. **Um Olhar Sistêmico do Processo de Tratamento da drogadição na Família**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica Pontifícia.

Universidade Católica de São Paulo, 2005.

ROSAS, J. **A Abordagem da Família do Dependente Químico através dos grupos Anônimos de Al-Anon e Nar-Anon**. Monografia (Especialização em Terapia de Família). Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, 2010. 41p. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/t206134.pdf>. Acesso em: 19 set. 2016.

ROSENSTOCK, K.I.V.; NEVES, M.J. Papel do enfermeiro da atenção básica de saúde na abordagem ao dependente de drogas em João Pessoa, PB, Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 63, n. 4, pp. 581-586, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672010000400013>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SOUZA, Jacqueline de; KANTORSKI, Luciane Prado; LUIS, Margarita Antonia Villar and OLIVEIRA, Nunila Ferreira de. Intervenções de saúde mental para dependentes de álcool e outras drogas: das políticas à prática cotidiana. **Texto contexto - enferm**. v. 21, n. 4, pp. 729-738, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000400002>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

XAVIER, R. T.; MONTEIRO, J. K. Tratamento de Pacientes Usuários de crack e outras drogas nos CAPS AD. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 61-82, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/16658>>. Acesso em 20 mar. 2017.